

Efeitos de peso fonológico na variação da ordem em pseudoclivadas no Português Brasileiro

Phonological weight effects on word order variation in pseudo-clefts in Brazilian Portuguese

Rafael Berg Esteves Trianon¹

RESUMO: Este artigo investiga como o peso fonológico influencia a variação na ordem de construções pseudoclivadas (PCs) no português do Brasil, articulando a interface sintaxe–fonologia com base na teoria de cópia do movimento. São feitas duas suposições: (i) em alguns casos de PCs, a variação de ordem é motivada por restrições do componente fonológico PF (*Phonological Form*), privilegiando linearização com constituintes fonologicamente pesados à direita e a pronúncia de cópias mais baixas; (ii) em outros casos, a ordem é determinada por movimento sintático independente (topicalização da relativa livre ou movimento do contrapeso para CP), o que bloqueia a reordenação sensível à fonologia.

PALAVRAS-CHAVE: Pseudoclivadas; Sintaxe-Fonologia; Minimalismo; Focalização.

ABSTRACT: This article examines how phonological weight shapes word-order variation in pseudo-cleft (PC) constructions in Brazilian Portuguese, framing the discussion at the syntax–phonology interface within the copy theory of movement. Two main assumptions are adopted: (i) in certain PCs, word-order alternations are driven by PF constraints that favor linearization placing phonologically heavy constituents to the right and allow the pronunciation of lower copies; (ii) in other PCs, the surface order is fixed by independent syntactic movements, either topicalization of the free relative or extraposition of the heavy constituent to CP, which blocks phonology-sensitive reordering.

KEYWORDS: Pseudo-clefts; Syntax-Phonology; Minimalism; Focalization.

1 Introdução

Este artigo discute possíveis efeitos do peso fonológico na ordenação dos constituintes que compõem as chamadas construções pseudoclivadas (doravante

¹ Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: rafaeltrianon@letras.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6985-5096>.

PCs – sentenças do tipo “Quem encontrou o Pedro foi o João”) no português do Brasil. Apoiando-se em trabalhos como Frota e Vigário (2001) e Hawkins (1992) – que analisam como o tamanho dos constituintes pode determinar a ordenação de palavras em alguns fenômenos –, investigamos uma possível diferença de peso entre a relativa livre e o contrapeso de PCs que justifiquem a escolha por uma ou outra ordem. Essa discussão tem impactos diretos na epistemologia da Gramática Gerativa (Chomsky, 1981, 1995), que não prevê uma relação direta entre fonologia e semântica. Para resolver essa aparente contradição, a hipótese a ser perseguida é a de que o movimento atestado na variação da ordem, em alguns casos, tem motivações em PF, casos em que o movimento é, na verdade, a pronúncia da cópia mais baixa da relativa livre. Em outros casos, a variação na ordem pode ser explicada por movimento sintático motivado independentemente da fonologia – que, na verdade, bloqueia a aplicação de restrições fonológicas.

A estrutura do texto segue a seguinte organização: na próxima seção, definiremos o escopo deste estudo, definindo o que são PCs e estabelecendo a diferença entre PCs especificacionais e PCs predicacionais, divisão importante na discussão proposta. Na seção 3, abordaremos a questão do peso fonológico e da teoria fonológica por trás desse conceito. Em seguida, abordaremos diversos dados de ordenamento de constituintes que, aparentemente, recebem a influência de efeitos de peso. Na seção 5, discutiremos especificamente o ordenamento de PCs e sua relação com o peso fonológico, para, na seção 6, propor nossa análise. Na seção 7, apresentaremos nossas considerações finais.

2 Definindo o escopo do trabalho

O estudo das PCs não é recente na literatura linguística. Higgins (1973), por exemplo, é um trabalho seminal que discute extensamente diversos aspectos sintáticos sobre essas construções. Inicialmente, podemos dizer que pseudoclivada é um termo referente a construções que possuem, geralmente, três elementos principais: uma expressão *wh*, considerada neste trabalho como uma oração relativa livre (segundo trabalhos como Bosque, 1999 e Heycock & Kroch, 1998); uma cópula (em português, sempre expressa pelo verbo ‘ser’) e um sintagma,

chamado por Higgins de contrapeso (cuja denominação manteremos durante o texto). Os dados abaixo, do português, ilustram as diferentes possibilidades de configuração de PCs:

- (1) [Quem escreveu o artigo] [foi] [o professor]

PC canônica

- (2) [Foi] [o professor] [quem escreveu o artigo]

PC invertida com foco pós-cópula

- (3) [O professor] [foi] [quem escreveu o artigo]

PC invertida com foco pré-cópula

Nos três exemplos, temos os mesmos elementos: a relativa livre [quem escreveu o artigo]; a cópula [foi] e o contrapeso [o professor]. Quanto ao valor semântico-pragmático dessas construções, Higgins (1973) notou que, ao menos no que concerne às PCs canônicas, temos uma ambiguidade: é possível assumir que o contrapeso seja correferente ao pronome ‘quem’, ao que Higgins chamou de leitura especificacional, ou que o contrapeso seja um predicado de toda a relativa livre, denominado de leitura predicacional. Essa diferença fica mais explícita quando o contrapeso é um adjetivo biforme, como os exemplos a seguir demonstram:

- (4) O que a professora é é honrado. **PC predicacional**

- (5) O que a professora é é honrada. **PC especificacional**

Em (4), a forma masculina do adjetivo ‘honrado’ não permite a identificação do predicado desse adjetivo com o pronome ‘o que’, que se refere à professora, um nome feminino. Por isso, a interpretação que se tem é a mesma de uma sentença copular, na qual o adjetivo predica sobre o sujeito – que, na frase, é a relativa livre [o que a professora é]. Uma forma de perceber mais claramente essa leitura predicacional pode ser dada no conjunto de sentenças abaixo:

- (6) a. A professora é chefe do departamento. $x = y$

- b. Ser chefe do departamento é honrado. $y = \text{honrado}$
- c. O que a professora é (chefe do departamento) é honrado. $\therefore x = \text{honrado}$

Na sequência de orações acima, podemos dizer que o pronome ‘o que’ é correferente com a expressão (presente no contexto) “chefe do departamento”. A estrutura silogística dada ao lado das frases deixa clara essa relação.

Já em (5), o fato de o adjetivo estar flexionado no feminino impõe a interpretação de que honrada é uma característica da professora. Para que isso ocorra, temos de assumir que o referente do pronome ‘o que’ determina a concordância do adjetivo ‘honrada’, e o adjetivo já não mais predica sobre toda a oração copular ‘o que a professora é’, mas sim sobre ‘professora’, resultando em uma leitura de especificação.

Uma consequência dessa leitura especificacional é a interpretação de que o contrapeso está sendo focalizado. Trabalhos como Rooth (1992) analisam a semântica da focalização através de uma abordagem chamada Semântica de Alternativas (Hamblin, 1976), afirmando que esse fenômeno “pode ser relacionado à noção intuitiva de contraste dentro de um conjunto de elementos alternativos” (Rooth, 1992, p. 36. Tradução nossa).

Portanto, fica claro que PCs especificacionais e PCs predicacionais possuem semânticas fundamentalmente distintas. Porém, além da diferença na interpretação, é possível assumir que ambas as leituras, predicacional e especificacional, se diferenciam pela prosódia, especificamente pela curva entoacional associada a ela. No que diz respeito ao português do Brasil, Araújo (2010), ao analisar a prosódia de PCs especificacionais e compará-la à prosódia de PCs predicacionais (chamadas por ele de “sentenças copulares”), encontra diferenças significativas. Para as primeiras, o autor afirma que sua entonação é semelhante à de sentenças clivadas, marcadas pelo processo de deaccenting, uma redução significativa da curva entonacional do material pós-focal (ver Ladd, 1980, cap. 3). Já as PCs predicacionais apresentam uma entonação semelhante à de sentenças declarativas comuns, com acento tonal recaindo ao final da frase em português.

Semelhantemente, Fernandes-Svartman (2007), analisando PCs especificacionais e predicacionais no português europeu, também encontra

diferenças significativas na prosódia. A partir da análise, a autora conclui que as estruturas predicacionais apresentam tons fonologicamente relevantes apenas no início e no fim da sentença, enquanto as PCs especificacionais apresentam diversos tons, que podem estar associados a diferentes palavras dentro da estrutura.

Portanto, como visto, existe uma diferença importante entre sentenças PCs especificacionais e predicacionais. Neste trabalho, consideraremos ambas as leituras, pois PCs especificacionais apresentam o contrapeso com uma leitura focalizada. Essa leitura é marcada na prosódia e, segundo trabalhos como Frota e Vigário (2001), a focalização acarreta aumento de peso ao sintagma fonológico, interagindo com os efeitos discutidos neste texto. Por isso, será útil discutir possíveis diferenças no ordenamento das PCs a partir da diferenciação na leitura.

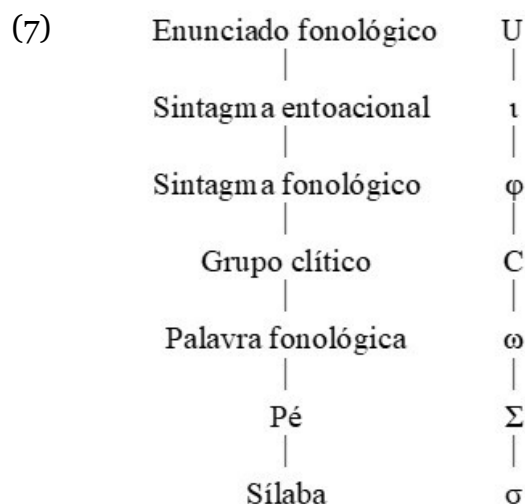
Uma vertente de estudos gerativos que se debruça sobre esse tipo de estrutura é a chamada Cartografia Sintática (Belletti, 2004; Belletti & Rizzi, 1996; Cinque & Rizzi, 2008; Rizzi, 1997; Rizzi & Bocci, 2015, *inter alia*). Essa abordagem prevê estruturas sintáticas fundamentalmente distintas para cada tipo de PC, especificacional e predicacional, e para as diferentes variações na ordem, utilizando, para justificar essa afirmação, uma fina “cartografia” de projeções sintáticas, cada uma delas com um núcleo funcional associado – e que pode ser responsável pela atribuição de diferenças prosódicas (Bocci, 2013). Neste trabalho, não seguiremos essa perspectiva, já que a abordagem teórica adotada é a do Minimalismo (Chomsky, 1995), e que a hipótese perseguida descarta, *a priori*, a necessidade de diversas projeções funcionais para explicar a variação na ordem das PCs.

Na próxima seção, será discutido brevemente o conceito de peso fonológico conforme adotado neste texto.

3 Fonologia Prosódica e o conceito de peso fonológico

No âmbito da Fonologia Prosódica (Nespor & Vogel, 2007; Selkirk, 1986, 2011; Serra, 2009; Truckenbrodt, 1999), a relação entre estrutura sintática e prosódia recai em dois trabalhos seminais: Nespor e Vogel (1986) e Selkirk (1986). No primeiro caso, essa relação é intermediada por um conjunto de regras de

mapeamento sintaxe-prosódia, que leva em conta o núcleo do constituinte em questão. Esse mapeamento converte, a partir de uma espécie de algoritmo, constituintes sintáticos em constituintes prosódicos, seguindo a hierarquia a seguir:²



A proposta de Selkirk (1986, 2011) também assume uma hierarquia de constituintes prosódicos. No entanto, a definição desses constituintes se dá de maneira diferente: a autora serve-se da abordagem da Teoria da Otimalidade (Prince & Smolensky, 1993), utilizando restrições de fidelidade do tipo $Match(\sigma, \phi)$ e $Match(\phi, \sigma)$ para mapear, respectivamente, um *input* sintático σ em um *output* fonológico ϕ , e um *output* fonológico ϕ em um *input* sintático σ .³ Uma abordagem nesse sentido advoga por uma maior isomorfia entre sintaxe e prosódia, o que, do ponto de vista da sintaxe gerativa, é mais vantajosa, já que o componente fonológico apenas altera a estrutura sintática para não violar princípios mais altos na hierarquia de restrições inerentes à língua.⁴

² Uma vez que a finalidade desta seção é apenas fornecer ao leitor uma base mínima para a compreensão da discussão a ser empreendida nas próximas seções, não adentraremos em detalhes das propostas da Fonologia Prosódica. Para uma discussão mais aprofundada, recomendamos a consulta às obras citadas.

³ Ver Selkirk (2011, p. 451) para uma explicação dessas restrições. A autora (nota 34) explica que a combinação de $Match(\sigma, \phi)$ com $Match(\phi, \sigma)$ é necessária para explicar a esperada atribuição de sintagmas fonológicos em certos casos.

⁴ Neste trabalho, por limitações de escopo, não perseguiremos a implementação fonológica das soluções aqui apresentadas. Porém, trabalhos posteriores buscarão essa análise, e, a nosso ver, uma proposta baseada em restrições, como a de Selkirk, é mais adequada para modelar o fenômeno.

Quanto ao peso fonológico associado à prosódia, há dois trabalhos relevantes sobre esse assunto: Hawkins (1992) e Frota e Vigário (2001). O primeiro aborda diferentes fenômenos sintáticos que podem ser associados à presença de uma maior massa fonológica. No entanto, a análise do autor não passa por considerações de natureza apenas fonológica: sua explicação para esses casos consiste no processamento:

A intuição básica que subjaz à minha teoria do ordenamento de palavras é simples. Acredito que as palavras ocorrem na ordem em que ocorrem de forma que os falantes possam habilitar os ouvintes a reconhecer agrupamentos sintáticos e seus constituintes imediatos (ICs) tão rapidamente quanto possível. Diferentes ordenamentos resultam em um reconhecimento mais ou menos rápido de um IC. (Hawkins, 1992, p. 197, tradução nossa)⁵

Na teoria de Hawkins, o que consideráramos peso fonológico é, na verdade, apenas uma questão de quantidade de informação presente no constituinte: um sintagma fonologicamente pesado é relevante para processos de reordenamento apenas porque contém mais informação. Daí, para facilitar o reconhecimento de constituintes, a informação mais extensa seria preferencialmente deslocada para a direita: o que, empiricamente, é atestado pelos dados trazidos pelo autor à discussão (que serão apresentados na seção seguinte).

Por outro lado, o trabalho de Frota e Vigário é de cunho fonológico, apresentando critérios definidos para determinar se um constituinte é leve ou pesado fonologicamente. Seguindo a Fonologia Prosódica, as autoras definem esses critérios conforme apresentado a seguir:

(8) Um constituinte é *pesado* sse

Fonologicamente ramificado (i.e. constituído por mais material do que o constituinte fonológico do tipo relevante), ou
Portador de *propriedades de proeminência* que o distingam dos restantes (e.g. acento de foco prosódico).

⁵ No original: “The basic intuition that underlies my theory of word order is a simple one. I believe that words occur in the orders they do so that speakers can enable hearers to recognize syntactic groupings and their immediate constituents (ICs) as rapidly and efficiently as possible. Different orderings result in more or less rapid IC recognition.”

Percebe-se, então, que o peso fonológico se baseia em duas condições: ramificação do constituinte fonológico relevante e propriedades de proeminência. O primeiro caso recai exatamente na mesma discussão empreendida por Hawkins, já que a ramificação de um constituinte fonológico ocorre devido à ramificação do constituinte sintático, e, conseqüentemente, da quantidade de informação a ser parseada. A título de exemplo, notemos o par de sentenças abaixo:

- (9) a. [Isso] [é muito caro].
b. [(O que) (o João) (quer) (de presente) (de aniversário)] [é muito caro].

Em (9), o fraseamento sugere que o sujeito ‘isso’ não é ramificado, já que é composto apenas por um constituinte fonológico. Por outro lado, o constituinte fonológico da relativa livre de (9), indicado por colchetes, é composto por cinco outros constituintes, indicados por parênteses, o que é considerado ser ramificado. Assim, com base na discussão de Frota e Vigário (2001), a relativa livre é pesada fonologicamente, ao passo que o sujeito pronominal é leve.

Porém, as autoras definem que o peso fonológico também está relacionado a outro aspecto. As autoras chamam a atenção para o fato de que propriedades de proeminência também podem determinar um constituinte como pesado. O caso mais relevante de proeminência é o acento de foco. No entanto, convém notar que tais propriedades não acarretam aumento na quantidade de informação. Por isso, a proposta de Hawkins não é capaz de dar conta de possíveis efeitos de reordenamento de constituintes baseado, por exemplo, em sintagmas focalizados. Apenas para ilustrar essa afirmação, note o par de frases abaixo:⁶

- (10) A Ana comprou ao Paulo o quadro do vencedor do concurso?
a. Não. A Ana comprou PP(AO PEDRO) DP[(o quadro) (do vencedor) (do concurso)]

⁶ Neste artigo, salvo indicação contrária, a interpretação focalizada será indicada em caixa alta.

b. Não. [A Ana comprou DP[(o quadro) (do vencedor) (do concurso)]
PP(AO PEDRO)].

(Frota; Vigário, 2001)

Na abordagem de Hawkins, apenas o ordenamento atestado em (10) pode ser explicado, já que o complemento direto tenderia mesmo a permanecer na borda direita da frase, justamente por possuir mais material sintático (i.e. mais informação a ser operada pelo *parser*). Por outro lado, (10) seria inesperado, haja vista que é o complemento direto que possui o maior número de constituintes (e, conseqüentemente, a maior carga informacional), o que tornaria preferível a ordem inversa. Porém, na abordagem de Nespor e Vogel, ambas as ordens são licenciadas (o que é atestado pela aceitabilidade da sentença), pois, enquanto DP é ramificado, o PP possui uma propriedade de proeminência, o acento de foco, de modo que ambos são fonologicamente pesados.

Por esse motivo, embora, na próxima seção, apresentemos os diferentes fenômenos de reordenamento de constituintes discutidos por Hawkins, não vemos como pertinente a análise teórica feita pelo autor. Na seção **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, apresentaremos uma proposta alternativa, que busca explicar tanto o ordenamento de PCs quanto a maioria dos demais fenômenos discutidos na próxima seção.

4 Efeitos de peso no ordenamento de constituintes

A possível influência do tamanho dos constituintes no ordenamento de palavras é um tópico bastante discutido na literatura. Trabalhos como Hawkins (1992) e Arnold *et al.* (2000) demonstraram que, no caso de verbos bitransitivos, o ordenamento entre os complementos é determinado, dentre outros fatores, pelo peso fonológico (um fenômeno chamado de *Heavy NP-shift*):

(11) Pedro comprou [o presente] [para um velho amigo de infância de seu primo]

??Pedro comprou [para um velho amigo de infância do seu primo] [o presente].

Em (11), o fato de o complemento indireto ser fonologicamente extenso exige que o complemento direto, de menor extensão, não esteja em posição final. A mesma preferência é verificada caso o complemento direto seja o elemento pesado:⁷

(12)??Pedro comprou [uma linda e espaçosa casa de três quartos e duas suítes] [para mim].

Pedro comprou [para mim] [uma linda e espaçosa casa de três quartos e duas suítes].

É fato que, em condições de igualdade, a ordem de preferência dos complementos em português seja DP-PP, com o sintagma preposicionado à direita. Porém, como os dois dados acima indicam, essa preferência de natureza sintática pode ser sobreposta por exigências de natureza prosódica, como o peso fonológico dos constituintes. Esse fato é comum em línguas como islandês, inglês e francês, dentre outras (ver Indriðadóttir, 2023; Stallings & Macdonald, 1998; Thuillier *et al.*, 2014).

Em português, Frota e Vigário (2001) discutem, para além do fenômeno de ordenamento em relação à extensão dos constituintes, o impacto da focalização nessa dinâmica. Um exemplo de como o foco pode determinar o ordenamento de constituintes em sentenças com verbos bitransitivos é o apresentado em (10), na seção anterior, e repetido abaixo para conforto do leitor:

(13) A Ana comprou ao Paulo o quadro do vencedor do concurso?

a. Não. [A Ana comprou [AO PEDRO]φ [o quadro]φ [do vencedor]φ
[do concurso]φ]I

⁷ É importante notar que assumimos uma pronúncia neutra para os dados aqui apresentados. Como apontado por Frota e Vigário – e discutido amplamente neste texto –, uma prosódia focalizadora, por exemplo, poderia tornar as sentenças mais aceitáveis. Porém, com uma pronúncia neutra, ambos os exemplos dados como degradados de fato o são.

b. Não. [A Ana comprou [o quadro]φ [do vencedor]φ [do concurso]φ
[AO PEDRO]φ]I

(Frota e Vigário, 2001)

No dado acima, a focalização contrastiva do PP [ao Pedro] permite que este constituinte permaneça na posição final, à direita da sentença, como se pode ver em (13). O interessante desse exemplo é que, com a focalização, ainda assim é permitido que o DP [o quadro do vencedor do concurso] esteja na posição final, já que esse constituinte cumpre o fato de ser fonologicamente ramificado (já que é composto por três sintagmas fonológicos). Por isso, *a priori*, a focalização atribui ao constituinte o mesmo peso fonológico resultante da sua ramificação.

Semelhantemente ao *Heavy NP-shift*, algumas línguas apresentam outro fenômeno denominado de alternância dativa, conforme ilustrado com os dados em inglês abaixo:

- (14) a. Chris gave [a bowl of Mom's traditional cranberry sauce] [to Terry]
b. Chris gave [Terry] [a bowl of Mom's traditional cranberry sauce]
'Chris deu a Terry uma tigela do tradicional molho de cranberry da mamãe'

Assim como nos casos de *Heavy NP-shift*, temos dois complementos verbais cuja ordem pode se alterar, mas, no caso da alternância dativa, o complemento que possui papel temático de alvo/recipientes é realizado por um DP, e não por um PP. Arnold *et al.* (2000), através de um experimento de produção espontânea, chegaram à conclusão de que a alternância dativa acontecia com mais frequência nos casos em que o argumento tema era mais pesado (ou mais novo no background informacional) do que o argumento alvo/recipientes (dados como os do exemplo em (14)).

No que diz respeito à focalização, o trabalho de Byram e Zubizarreta (2010) encontram, a partir de um experimento de produção, a mesma tendência para o caso de argumento tema focalizado: no caso de o tema receber focalização (contrastiva ou informacional), a tendência era a da alternância dativa ocorrer, mantendo o tema à direita e o alvo/recipientes à esquerda.

Um outro fenômeno que é igualmente influenciado pelo tamanho dos constituintes em questão são os verbos, em inglês, construídos com uma partícula (chamados de *phrasal verbs*), que podem sofrer um processo de *Particle Movement*. Vejamos os exemplos abaixo:

- (15) a. John looked [the number] [up].
b. John looked [up] [the number].
‘John pesquisou o número.’

(Hawkins, 1992, p. 202)

O par de sentenças acima apresenta a possibilidade de estruturas do tipo $VP[V\ NP\ Part]$, exemplificadas em (15), sofrerem uma extração do NP para a direita da partícula, resultando na ordem $VP[V\ Part\ NP]$, vista em (15). No trabalho de Hawkins, o autor demonstra, através de dados coletados, que, quanto maior a quantidade de palavras do NP, maior é a probabilidade de que essa extração ocorra.

No que concerne à interação desse fenômeno com a focalização, Svenonius (1996) discute, a partir dos dados do inglês, do norueguês e do islandês, o fato de que foco informacional também influencia o ordenamento do NP em relação à partícula, conforme o exemplo a seguir, do norueguês:

- (16) Quem vocês pegaram?
a. Vi har v[plukked] NP[jentene] Part[opp].
b. Vi har v[plukked] Part[opp] NP[jentene].
‘Nós pegamos as meninas’

Da mesma forma que em inglês, no norueguês, no caso de o NP ser uma informação nova (evidenciado pelo fato de ser a resposta a uma pergunta-wh), a ordem em (16) é preferida.

Outro fenômeno, também discutido em Hawkins (1992) é a extraposição de VPs infinitivos encaixados no alemão. O par de frases abaixo ilustra isso:

- (17) a. Sie hat $VP_{INF}[zu\ lesen]$ anfangen.
b. Sie hat anfangen $VP_{INF}[zu\ lesen]$.
‘Ela começou a ler’

(Hawkins, 1992, p. 203)

Da mesma forma que os fenômenos anteriormente mencionados, o estudo do autor atesta que, caso a sentença infinitiva seja extensa, é maior a tendência de que ela apareça à margem direita da sentença (como em (17)).

No que diz respeito à realização desse fenômeno envolvendo focalização, o trabalho de Sapp (2007) chega a uma conclusão semelhante ao analisar dados diacrônicos do alemão (alto-alemão protomoderno, falado entre os séculos XIV e XVII), bem como de dois dialetos do alemão moderno, falados no sudoeste da Alemanha e na Áustria. Nesses casos, o estatuto focal do objeto da sentença infinitiva permite a extraposição (sentença em (17)).

Por fim, um último fenômeno abordado envolve o ordenamento de dois PPs em inglês. Os dados são apresentados a seguir:

- (18) a. The raven slept [on a perch] [behind the back door].
b. The raven slept [behind the back door] [on a perch].
‘O corvo dormiu em um poleiro atrás da porta dos fundos.’
(Hawkins, 1992, p. 205)

Novamente, a análise do autor chega à conclusão de que o PP de maior extensão tem a tendência a aparecer na posição mais à direita da estrutura. Essa também parece ser a tendência em português, conforme se pode ver pelo par de sentenças abaixo:

- (19) a. Os meninos trabalham [desde ontem] [na casa do irmão mais velho do Pedro].
b. ?Os meninos trabalham [na casa do irmão mais velho do Pedro] [desde ontem].

Ainda que a ordem vista em (19) não seja agramatical, a presença de um PP longo preposto a um PP mais curto, com a prosódia neutra, torna a sentença menos aceitável do que aquela presente em (19), o que se assemelha aos resultados encontrados por Hawkins.

Nesse último caso, é digno de nota que a focalização também pode alterar essas previsões. O contexto abaixo ilustra bem essa dinâmica:

- (20) Os meninos trabalham desde a semana passada na casa do irmão mais velho do Pedro.

- a. Não. Os meninos trabalham [DESDE ONTEM] [na casa do irmão mais velho do Pedro].
- b. Não. Os meninos trabalham [na casa do irmão mais velho do Pedro] [DESDE ONTEM].

Note que a focalização do PP [desde ontem], exigida pelo contexto de contraste dado, melhora a aceitabilidade da sentença (20).

Em suma, nesta seção apresentamos cinco diferentes fenômenos: *Heavy NP-shift*, alternância dativa, *Particle Movement* em *phrasal verbs*, ordenamento de VPs infinitivos em alemão e ordenamento de PPs adjuntos. Todos esses dados demonstram que o tamanho dos constituintes (trabalhados aqui a partir do conceito de peso fonológico) pode influenciar a ordem da estrutura. Na próxima seção, nos voltaremos especificamente para as pseudoclivadas, apresentando como o mesmo fator pode afetar o ordenamento dos elementos que as constituem.

5 Efeitos de peso no ordenamento de pseudoclivadas

Como discutido acima, é possível que o peso de um constituinte determine o reordenamento dos constituintes da sentença – desde que esse reordenamento não acarrete alteração semântica, ou seja, alteração nas relações estruturais sintaticamente relevantes. Tomando como premissa que os exemplos apresentados em **Erro! Fonte de referência não encontrada.** não possuem alteração no seu significado, podemos assumir como hipótese que o peso também possa desempenhar algum papel nessa variação.

Em termos gerais, as seguintes assunções podem ser feitas: (i) relativa livre fonologicamente pesada e contrapeso leve acarreta preferência por PCs invertidas (com contrapeso pré ou pós-cópula); (ii) contrapeso fonologicamente pesado (seja por focalização, no caso das PCs especificacionais, ou por ramificação) e relativa leve acarreta preferência por PCs canônicas. Os dados abaixo ilustram essas assunções:⁸

⁸ A partir de (21), usaremos parênteses para indicar a divisão em sintagmas fonológicos e colchetes para delimitar a relativa livre. O fraseamento das sentenças foi proposto a partir das considerações feitas em Sandalo (2004) para a delimitação dos sintagmas fonológicos no PB.

(21) **Relativa pesada**

- a. (É perigoso) [(o que) (a Maria) (faz lá) (naquele lugar)].
- b. (Perigoso é) [(o que) (A Maria) (faz lá) (naquele lugar)].
- c. ?[(o que) (A Maria) (faz lá) (naquele lugar)] (é perigoso).

No dado em (21), percebemos que, por ser uma PC especificacional, não se pode atribuir ao adjetivo ‘perigoso’ o *status* de foco⁹. Por isso, há uma clara preferência pela posição à direita da relativa livre, que é fonologicamente pesada por ser ramificada, culminando em uma PC invertida.

(22) **Contrapeso ramificado**

- a. [(O que) (ela é)] (é perigoso) (demais) (p(a)ra eu) (a apoiar).
- b. ?(perigoso demais) (p(a)ra eu) (a apoiar) é [(o que) (ela é)].
- c. ?(É perigoso) (demais) (p(a)ra eu) (a apoiar) [(o que) (ela é)].

Em o, a situação se inverte, com o contrapeso fonologicamente pesado (pelo menos, mais pesado do que a relativa livre), de modo que a preferência se altera para uma PC canônica.

(23) **Contrapeso focalizado (PCs especificacionais)**

- a. [(O que) (ela é)] é (HONRADA).
- b. É (HONRADA) [(o que) (ela é)].
- c. (HONRADA) é [(o que) (ela é)].

Por fim, em (23), temos uma sentença inequivocamente focalizada, com leitura especificacional, em que a preferência se daria pela posição à direita do contrapeso, também apontando para uma PC canônica.

No entanto, algumas considerações devem ser feitas quanto a essas previsões de aceitabilidade. Primeiramente, em (21), a PC canônica [(o que) (A Maria) (faz lá) (naquele lugar)] (é perigoso) poderia ser licenciada com uma pausa logo após a relativa livre. Essa pausa, segundo Moraes e Orsini (2003), configura um recurso de topicalização. Na abordagem de Nespor e Vogel (2007), a interpretação fonológica dessa pausa é a de uma quebra no sintagma entoacional

⁹ Exceto em contextos muito específicos e com uma prosódia não neutra. Seria possível tal interpretação por exemplo, se no contexto houvesse a informação de que *o que a Maria faz lá naquele lugar é tranquilo*, e as sentenças em (21) fossem uma correção a essa informação.

– de modo que, nesse caso, haveria dois sintagmas entoacionais: (O que a Maria faz lá naquele lugar)_ι (é perigoso)_ι. Esse domínio prosódico, acima do sintagma fonológico, impossibilitaria o reordenamento de constituintes, e por isso licencia a ordem analisada (conforme a discussão a ser empreendida na próxima seção sugere). Por outro lado, uma pronúncia dessa mesma PC canônica sem a pausa característica da topicalização torna a sentença inaceitável. É digno de nota que a mesma explicação pode ser dada quanto aos dados em (22b-c), pois se pode propor que o contrapeso está sendo topicalizado e, por isso, movido para a esquerda da sentença e formando um segundo sintagma entoacional.¹⁰

Outra consideração que deve ser feita diz respeito aos dados em (23). Em nossa intuição, todas as alternativas de ordenamento são licenciadas. A justificativa para isso poderia estar no fato de que a relativa livre, no dado apresentado, é ramificada, tornando-a tão pesada quanto o contrapeso focalizado. Daí, seguindo a análise de Frota e Vigário (2001), o ordenamento é facultativo. Uma possibilidade de avaliar se o contrapeso focalizado pode descartar as PCs invertidas seria igualar a quantidade de sintagmas fonológicos da relativa e do contrapeso focalizado – para avaliar se ramificação + peso torna o constituinte prosódico “mais pesado” do que aquele que apresenta apenas a ramificação –, o que igualmente permite todas as possibilidades de ordenamento das PCs, invalidando essa hipótese:

(24) **Contrapeso focalizado**

- a. [(O que) (ela quer)] (é COMPRAR) (UM CARRO NOVO).
- b. (É COMPRAR) (UM CARRO NOVO) [(o que) (ela quer)].
- c. (COMPRAR) (UM CARRO NOVO) é [(o que) (ela quer)].

Uma explicação para esse padrão reside no fato de que a focalização impõe uma possibilidade de movimento sintático. Conforme largamente discutido na literatura sobre foco (ver, por exemplo, o trabalho seminal de Rizzi, 1997), a focalização cria uma relação quantificador-variável que acarreta o movimento do foco para a periferia esquerda da sentença. Podemos assumir, portanto, que os

¹⁰ Esse também pode ser o motivo da emergência do dado (21b), com o contrapeso pré-cópula. Esse ordenamento pode ser obtido através do movimento do contrapeso para uma posição de tópico pré-verbal.

casos de PCs invertidas com foco pré-cópula (23) e (24) envolvem um movimento sintático para CP, proibindo o reordenamento a partir de critérios fonológicos, da mesma forma que a topicalização presente em dados como (21) – assumimos que esse movimento cria um novo sintagma entoacional, invalidando o ordenamento.

Porém, o problema então se inverte: se o movimento para CP é obrigatório no caso de contrapeso focalizado, então por que a PC canônica em (24) também é licenciada? Uma possibilidade de explicação para essa aparente variação livre está no fato de que o português permite a estratégia de focalização *in situ*.¹¹ Assim, assumimos que, ao passo que as PCs especificacionais invertidas envolvem movimento sintático para CP – proibindo o reordenamento –, a PC especificacional canônica apresenta focalização *in situ*, permitindo o reordenamento dos constituintes de acordo com o peso fonológico.

Portanto, apenas os casos de (21) – PC predicacional canônica –, (21) – PC especificacional invertida com contrapeso pré-cópula –, (23a) e (24) – PC especificacional canônica com foco *in situ* – e (23b) e (24) – PC especificacional invertida com foco pós-cópula –, envolvem a atuação do peso fonológico para determinar o ordenamento. Para facilitar a leitura, o quadro abaixo resume essa discussão:

Quadro 1: resumo da análise das possibilidades de ordenamento de PCs.

Estrutura da PC	Exemplos	Explicação
Canônica com contrapeso ramificado (predicacional)	0	Fonológica
Canônica com relativa pesada (predicacional)	(21), 0 e 0	Sintática, topicalização da relativa/contrapeso
Canônica com contrapeso focalizado (especificacional)	(23) e (24)	Fonológica, focalização <i>in situ</i>
Invertida com contrapeso pós-cópula (predicacional)	(21)	Fonológica
Invertida com contrapeso pós-cópula (especificacional)	(23) e (24)	Fonológica

¹¹ É possível levantar o questionamento de qual seria a motivação para haver movimento para CP do foco, já que existe o mecanismo da focalização *in situ*. Essa discussão foge ao escopo deste artigo e, por isso, não será empreendida. Ver Trianon (2019) para uma possibilidade de análise da focalização *in situ* no português brasileiro.

Invertida com contrapeso pré-cópula (predicacional)	(21)	Fonológica
Invertida com contrapeso pré-cópula (especificacional)	(23) e (24)	Sintática, movimento para CP

Fonte: Elaboração própria.

Na próxima seção faremos a análise dos casos cuja explicação envolve o peso fonológico.

6 Análise do fenômeno e domínios de aplicação

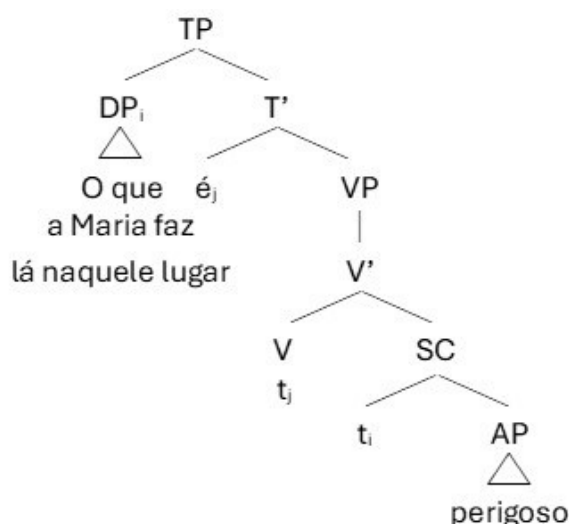
Até aqui, os dados apontam para uma conclusão: a variação na ordem das PCs pode ser afetada pelo peso fonológico, mas também sofre influência de outros fenômenos, como a topicalização da relativa (caso de (21)), ou o movimento para CP do foco (casos de (23) e (24)), o que aparentemente bloqueia os efeitos de peso. Nossa análise partirá dos casos em que há influência direta da fonologia.

Iniciando pelo caso das PCs predicacionais, aqui seguiremos a proposta de que esse fenômeno envolve uma *small clause*¹², de modo que a estrutura seria a seguinte:¹³

¹² *Small clause* é uma estrutura de minioração, em que a relação de predicação não se dá a partir de um verbo. Ver Moro (2000 cap. 3) para uma análise pormenorizada. *Small clause* é uma estrutura de minioração, em que a relação de predicação não se dá a partir de um verbo. Ver Moro (2000 cap. 3) para uma análise pormenorizada.

¹³ Estamos assumindo que a relativa livre é composta por ‘o que’ modificado por ‘a Maria faz lá naquele lugar’. Esse nos parece ser o caso, já que a inserção de um núcleo de C torna a sentença degradada: *O que que a Maria faz lá naquele lugar é perigoso.

(25)



Para a análise, adotaremos a teoria de cópia + merge para o movimento sintático (Bošković & Nunes, 2007; Chomsky, 1993).¹⁴ Embora essa abordagem não seja consenso na literatura, e haja críticas sobre ela (Boeckx, 2001, por exemplo), uma proposta que permita a realização fonética da posição inicial do constituinte movido é fundamental para explicar a variação no ordenamento de pseudoclivadas em nossa análise – e pode ser vista como um argumento a favor dessa abordagem.

Portanto, partindo dessa premissa, temos, para a sentença **Erro! Fonte de referência não encontrada.** acima, a seguinte linearização, com as duas possibilidades de pronúncia:¹⁵

- (26) [O que a Maria faz lá naquele lugar] é [O que a Maria faz lá naquele lugar] [perigoso]
a. [O que a Maria faz lá naquele lugar] é [~~O que a Maria faz lá naquele lugar~~] é [perigoso]
b. [~~O que a Maria faz lá naquele lugar~~] é [O que a Maria faz lá naquele lugar] [perigoso]

¹⁴ Essa teoria propõe que o movimento sintático seja visto como uma operação de *merge* (interno). Cópias do constituinte são mergidas nas posições de base e de alvo, estando coindexadas entre si para formar a cadeia, e o componente fonológico “decide” qual cópia será pronunciada. Propostas como Franks (1998) tentam modelar como essa “decisão” é tomada. Ver as referências citadas no texto para um detalhamento mais aprofundado dessa teoria.

¹⁵ Considerando apenas o que é relevante para a análise, que é a posição da relativa livre.

Segundo a proposta de Franks (1998), embora haja uma preferência para o apagamento da cópia mais baixa, restrições de PF contra a pronúncia da cópia mais alta podem permitir que a cópia mais baixa seja pronunciada, desde que nenhuma outra violação ocorra. Assumamos, portanto, que PF contenha uma restrição¹⁶ formulada como **Erro! Fonte de referência não encontrada.** abaixo:

- (27) Em uma cadeia $C = (\alpha_1 \dots \alpha_n)$, se $C \subset \iota$ e α é fonologicamente pesado, então pronuncie α_n .

A restrição acima prevê que, se uma cadeia está contida no sintagma entoacional, a cópia mais baixa será pronunciada, caso o constituinte seja fonologicamente pesado. Essa restrição milita contra a pronúncia de (26), determinando a pronúncia da cópia mais baixa (26), que é agramatical. Porém, como a *small clause* é uma estrutura simétrica¹⁷, sua linearização pode respeitar uma outra restrição dada como (28):

- (28) Em um constituinte simétrico $C[\alpha\beta]$, na qual peso $\alpha >$ peso β , linearize $C[\beta^*\alpha]$ (onde * indica ordem linear)

Assim, para respeitar essas duas restrições específicas de PF, o que temos é a pronúncia da cópia mais baixa da relativa livre na posição direita da *small clause*, resultando no ordenamento de PC invertida com contrapeso pós-cópula (ver quadro 1 e exemplo (21a)). A mesma lógica pode ser seguida nos casos em que o contrapeso é mais pesado que a relativa livre o.

Porém, um contra-argumento pode ser dado: se a restrição em (27) existe, por que, por exemplo, sujeitos longos não são sempre pospostos ao verbo, como ilustrado em (29) abaixo?

- (29) a. O rapaz que chegou ontem à feira lavou ~~o rapaz que chegou ontem~~
~~à feira~~ os pratos.

¹⁶ O termo ‘restrição’, utilizado na análise, remete à Teoria da Otimalidade. Embora neste trabalho não empreenderemos essa tarefa, é possível modelar as restrições em (27) e (28) utilizando essa abordagem.

¹⁷ Estamos chamando de “estrutura simétrica” aquelas estruturas em que não há uma relação de comando assimétrico entre os nós (Kayne, 1994). A *small clause* (na formulação apresentada aqui) seria um exemplo disso.

b. ~~??o rapaz que chegou ontem à feira~~ Lavou o rapaz que chegou ontem à feira os pratos.

Uma solução para essa abordagem seria assumir que, no caso de sujeitos pesados, as cópias não estão ambas contidas no sintagma entoacional, o que bloquearia a aplicação da restrição (27). Assim, o fraseamento do dado em (29) seria do tipo (S)₁ (VO)₁. De fato, a literatura em Fonologia Prosódica discute essa análise. Fernandes-Svartman et al. (2018) afirma que sujeitos longos, em diversos dialetos do português, desencadeiam esse fraseamento. Assim, dado que o sujeito estaria contido em outro sintagma entoacional, a restrição (27) não pode se aplicar, e a cópia mais alta, o padrão *default*, seria aplicado.

É possível argumentar, no entanto, que a sentença [Lavou os pratos o rapaz que chegou ontem à feira], com o deslocamento do sujeito para a extremidade direita da sentença, é possível. No entanto, essa sentença só ocorre com uma prosódia marcada, em um contexto, por exemplo, de correção, como dado abaixo:

- (30) A. O nosso cozinheiro lavou os pratos.
B. Não. Lavou os pratos O RAPAZ QUE CHEGOU ONTEM À FEIRA.

A estrutura que subjaz a essa sentença pode envolver o movimento do VP para CP, a fim de receber uma interpretação de tópico (uma vez que a prosódia de (30) é semelhante à de (21), com uma pausa marcada logo após a palavra ‘pratos’. A estrutura em (31) abaixo é uma simplificação que demonstra essa análise:

- (31) CP[VP[~~o rapaz que chegou ontem à feira~~ lavou os pratos] C ... VP[~~o rapaz que chegou ontem à feira lavou os pratos~~]]¹⁸

Portanto, o dado em (30) não se configura um contra-argumento para a proposta aqui desenvolvida.

Essa mesma explicação cobre os casos de (21), o e o, discutidos na seção anterior e justificados pelo movimento da relativa ou do contrapeso para uma

¹⁸ Também seria possível propor que houvesse dois movimentos: primeiro do DP sujeito para uma posição de foco em CP, seguido de um *remnant movement* (Kayne, 1994) para uma posição de tópico mais acima. Estudos posteriores podem investigar qual proposta é mais viável.

posição de tópico. A topicalização de (21), o e o envolve um movimento que criaria um novo sintagma entoacional no fraseamento da sentença (conforme já discutido), e isso bloqueia a restrição (27), obrigando PF a pronunciar a cópia mais alta.

Passando à análise das PCs especificacionais canônica e invertida com foco pós-cópula, que advogamos serem influenciadas pela aplicação das restrições de peso fonológico, retomemos o exemplo (24), repetido abaixo para conforto do leitor:

(32) **Contrapeso focalizado**

- a. [(O que) (ela quer)] (é COMPRAR) (UM CARRO NOVO).
- b. (É COMPRAR) (UM CARRO NOVO) [(o que) (ela quer)].
- c. (COMPRAR) (UM CARRO NOVO) é [(o que) (ela quer)].

A análise da sentença (32) é trivial, com base no que já foi discutido: a relativa sujeito está topicalizada e o foco, *in situ*. No caso da PC invertida com foco pós-cópula, em (32), podemos supor que o foco se manifesta após a cópula, não por uma questão de pronúncia de cópias, mas pelo fato de que a posição de SpecTP é realizada por um pro, de modo que a estrutura sintática, nesse caso, é a seguinte:

- (33) [TP pro é [VP é [SC [DP comprar um carro novo] [DP o que ela quer]]]]

Daí, podemos assumir que a relativa livre fica à direita por ser pesada, satisfazendo (27). Um contra-argumento para isso envolve o fato de que, nesse caso, há um foco presente – que torna o sintagma focalizado pesado fonologicamente e permitiria uma variação na ordem, como (34):

- (34) *É [(o que) (ela quer)] (COMPRAR) (UM CARRO NOVO).

Nesse caso, já que o foco também é pesado fonologicamente, também seria possível linearizar a sentença com o DP focalizado à direita, o que não ocorre.¹⁹ A conclusão observacional que se pode tirar desse fato é a de que, nos casos em que há dois constituintes pesados fonologicamente, sendo um tornado pesado pela focalização, e outro, pela ramificação, a preferência de ocupar a borda direita é do constituinte pesado pela ramificação. É possível modelar essa conclusão a partir da seguinte restrição:

- (35) Em um constituinte simétrico $C[\alpha\beta_F]$, no qual α é pesado por ser ramificado, e β_F , por ser focalizado, linearize $C[\beta_F*\alpha]$.

O que a restrição (35) prevê, em última análise, é que a focalização não torna o constituinte “mais pesado” do que a ramificação, mas o contrário.

Para concluir a análise, voltemos aos dois casos discutidos na seção anterior, dos dados em (21) e (23) – este último o mesmo caso de (32c) –, repetidos abaixo como (36) e (36), respectivamente:

- (36) a. ?[(o que) (A Maria) (faz lá) (naquele lugar)] (é perigoso).
b. (HONRADA) é [(o que) (ela é)].

Nós afirmamos que esses casos podem ser licenciados pelo movimento da relativa livre (36) ou do foco (36) para CP. No entanto, é preciso justificar por que apenas o movimento para CP proíbe o processo de apagamento da cópia mais alta. De maneira nenhuma essa seria uma espécie de restrição universal em PF (como se todo movimento para CP obrigasse a pronúncia da cópia mais alta), já que há dados contradizendo essa generalização. Bošković e Nunes (2007) dão o exemplo do fronteamto de múltiplos whs no romeno, apresentados abaixo:

- (37)a. Cine ce precede?
b. *Cine precede ce?
'Quem precede o quê?'

¹⁹ (34) seria aceitável com uma prosódia específica, topicalizando o DP. No entanto, essa é uma outra estrutura, chamada na literatura de *Right Dislocation* (ver Lambrecht (2001) para uma descrição tipológica dessa estrutura).

- (38) a. Ce precede ce?
b. *Ce ce precede?
'O que precede o quê?'

A argumentação para a agramaticalidade de (38) estaria em uma restrição de PF que baniria dois complementizadores homófonos sucessivos. Uma vez que complementizadores são movidos para CP, não podemos assumir princípio universal que estabeleça um domínio específico para a aplicação de regras em PF. No entanto, é possível argumentar que a topicalização e a focalização criam dois sintagmas entoacionais (conforme discutido na seção anterior), e, por isso, a restrição em (27) se mantém válida, mesmo que não se aplique a essa derivação.

Além de explicar os casos de PCs predicacionais, essa análise dá conta dos efeitos de peso atestados em alguns dos fenômenos listados na seção **Erro! Fonte de referência não encontrada..** Inicialmente, dados de *Heavy NP-shift* poderiam ser explicados por um mecanismo semelhante: ainda que os argumentos de verbos bitransitivos não sejam estruturalmente simétricos, não existe uma relação hierárquica rígida entre eles, o que permitiria a aplicação de uma restrição semelhante a (28). A mesma lógica se mantém para o ordenamento de PPs adjuntos. Quanto à alternância dativa, ainda que a estrutura de duplo objeto seja diferente daquela com o objeto preposicionado (ou seja, uma não deriva da outra), os achados de Arnold *et al.* (2000) evidenciam o posicionamento à direita do argumento mais pesado, demonstrando a aplicação das restrições (27) e (28), especialmente se assumirmos que, nesse caso, os dois objetos formam uma *small clause*.

Um caso que poderia desviar de nossa análise é o de *Particle Movement*.²⁰ Embora haja a possibilidade de assumir que o verbo, nesse caso, selecione uma *small clause* composta pela preposição e pelo NP – e, sendo esse o caso, nossa análise se aplica naturalmente –, Svenonius (1996) propõe uma estrutura um pouco diferente, a qual utilizaremos aqui. O autor também assume uma estrutura semelhante a uma *small clause*, mas assimétrica (cf. Bowers, 1993) rotulada como PredP. O núcleo dessa projeção seleciona o PP como complemento, com a

²⁰ Quanto à extraposição de infinitivos subordinados no alemão, deixaremos a discussão em aberto para trabalhos posteriores.

preposição no núcleo e o NP como complemento de P, em uma estrutura semelhante a (39) abaixo, para a frase *I let the cat out*:

(39) I [VP let [PredP [the cat]_d Pred [PP t_d out]]]

A estrutura como (39) seria a adequada para o caso não marcado, cuja ordem é $_{VP}[V\ NP\ Part]$. Para os casos em que a ordem é $_{VP}[V\ Part\ NP]$, Svenonius propõe que é a preposição que se move para o núcleo Pred, gerando a seguinte estrutura:

(40) I [VP let [PredP out_p+Pred [PP the cat t_p]]]

O autor defende a ideia de que as derivações em (39) e (40) são igualmente econômicas, de modo que, no que diz respeito à sintaxe, a escolha entre uma delas seria arbitrária. Porém, se assumirmos a aplicação da restrição em (27), haverá preferência por (40), desde que o NP seja pesado fonologicamente. Daí conseguimos explicar também esse caso.

A partir dessa discussão, nossa análise consegue explicar a variação na ordem das PCs especificacionais e predicacionais. Na próxima seção, apresentaremos um resumo da discussão e nossas considerações finais.

7 Considerações finais

A partir das discussões empreendidas, percebemos que o fenômeno da variação na ordem de PCs é multifatorial, envolvendo aspectos sintáticos e fonológicos. Em alguns casos, o movimento sintático, seja da relativa livre, seja do contrapeso, é o que determina a ordem dos constituintes. Isso é o que ocorre com as PCs especificacionais canônicas, na qual a relativa livre é topicalizada, e com as PCs especificacionais invertidas com foco pré-cópula, nas quais o contrapeso focalizado é movido para CP. Em outros casos, a ordem dos elementos é influenciada exclusivamente pelo peso fonológico, o que é analisado no texto como produto da interação de restrições em PF quanto à pronúncia das cópias inseridas

durante a derivação da sentença – assumindo, portanto, uma teoria de cópia para o movimento sintático.

É importante notar, portanto, que a determinação do ordenamento das PCs envolve, basicamente, a aplicação das restrições (27) e (28) em PF. Quando essas restrições se aplicam, temos a ordem na qual o constituinte mais pesado (seja a relativa livre, seja o contrapeso) se manifestará à direita do sintagma entoacional. Porém, quando o movimento sintático faz com que o sintagma movido esteja fora do sintagma entoacional, essas duas restrições não podem se aplicar, e a cópia mais alta é pronunciada, resultando em casos nos quais o constituinte, mesmo pesado, é pronunciado à esquerda. Os casos divergentes dessa lógica

A vantagem desse tipo de análise está no fato de que não é necessário lançar mão de abordagens que acarretem a modificação da arquitetura da gramática demonstrada pelo empreendimento gerativista. Em outras palavras, o modelo T da arquitetura da gramática é plenamente satisfeito por nossa proposta, haja vista que não precisamos prever uma comunicação direta entre o componente fonológico e o componente semântico, e nem a influência da fonologia na sintaxe: a variação na ordem depende de qual cópia será pronunciada, ou de um movimento sintático motivado apenas por necessidades do sistema computacional da gramática. Em nossa proposta, o componente fonológico não modifica a estrutura sintática, mas apenas a lê e, baseando-se em regras próprias de PF, determina a pronúncia de uma ou outra cópia, ao mesmo tempo que determina a linearização de estruturas simétricas (como as *small clauses*).

Referências

ARAÚJO, Flavio Martins de. *A entoação de sentenças clivadas e pseudo-clivadas no português brasileiro*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ARNOLD, Jennifer E. *et al.* Heaviness vs. Newness: The Effects of Structural Complexity and Discourse Status on Constituent Ordering. *Language*, v. 76, n. 1, p. 28, mar. 2000.

BELLETTI, Adriana. *Structures and beyond: The cartography of syntactic structures*. Oxford: Oxford University Press, 2004. v. 3

BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. *Parameters and functional heads: essays in comparative syntax*. New York: Oxford University Press, 1996.

BOCCI, Giuliano. *The Syntax-Prosody Interface: A cartographic perspective with evidence from Italian*. Philadelphia: John Benjamins, 2013.

BOECKX, Cedric. Scope Reconstruction and A-Movement. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 19, n. 3, p. 503–548, 2001.

BOŠKOVIĆ, Željko; NUNES, Jairo. The Copy Theory of Movement: A View from PF. In: CORVER, Norbert; NUNES, Jairo (Orgs.). *The Copy Theory of Movement*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 13–74.

BOSQUE, Ignacio. On focus vs. wh-movement: the case of Caribbean Spanish. *Sophia Linguistica - Working Papers in Linguistics*, n. 44/45, p. 1–32, 1999.

BOWERS, John. The Syntax of Predication. *Linguistic Inquiry*, v. 24, n. 4, p. 591–656, 1993.

BYRAM, Mary; ZUBIZARRETA, Maria Luisa. Effects of Focus Type and Argument Length on the Dative Alternation. *LSA Annual Meeting Extended Abstracts*, v. 1, p. 14, 2 maio 2010.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam. A minimalist approach for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, Samuel Jay (Orgs.). *The View from Building 20: Essays in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 1–52.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The Cartography of Syntactic Structures. *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*, v. 2, 2008.

FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Entoação e domínios prosódicos em sentenças pseudo-clivadas do português europeu. *Letras de Hoje*, v. 42, n. 3, p. 69–88, 2007.

FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani; SANTOS, Vinícius Gonçalves dos; BRAGA, Gabriela. Fraseamento prosódico em português. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 20, n. Especial, p. 119–138, 30 dez. 2018.

FRANKS, Steven. *Clitics in Slavic*. Presented at the Comparative Slavic Morphosyntax Workshop, Spencer Creek, Indiana. , , 1998.

FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina. Efeitos de peso no Português Europeu. *Saberes no Tempo - Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, n. 8, p. 315–333, 2001.

- HAMBLIN, C. L. Questions in Montague English. In: PARTEE, Barbara H. (Org.). *Montague Grammar*. Texas: University of Texas Press, 1976. p. 247–259.
- HAWKINS, John A. Syntactic Weight Versus Information Structure in Word Order Variation. In: JACOBS, J. (Org.). *Informationsstruktur und Grammatik*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 1992. p. 196–219.
- HEYCOCK, Caroline; KROCH, Anthony. Inversion and Equation in Copular Sentences. In: ALEXIADOU, Artemis; ET AL. (Orgs.). *Papers in Linguistics 10*. Berlin: Zentrum für Allgemeine Sprachwissenschaft, Sprachtypologie und Universalienforschung (ZAS), 1998. p. 71–87.
- HIGGINS, R. *The pseudocleft construction in English*. Ph.D.diss.—Cambridge: MIT, 1973.
- INDRÍDADÓTTIR, Ingunn Hreinberg. *Weight effects and variation in word order in Icelandic and Faroese*. Dissertation—Reykjavík: University of Iceland, 2023.
- KAYNE, Richard. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.
- LADD, D. R. *The structure of intonational meaning: evidence from English*. Bloomington: Indiana University Press, 1980.
- LAMBRECHT, Knud. Dislocation. In: HASPELMATH, Martin et al. (Orgs.). *Language Typology and Language Universals: An International Handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, 2001. v. 2 p. 1050–1078.
- MORAES, João Antônio de; ORSINI, Mônica Tavares. Análise prosódica das construções de tópico no português do Brasil: estudo preliminar. *Letras De Hoje*, v. 38, n. 4, p. 261–272, 2003.
- MORO, Andrea. *Dynamic antisymmetry*. Cambridge: MIT Press, 2000.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic phonology: with a new foreword*. *Studies in generative grammar*, 2007.
- PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory : Constraint Interaction in Generative Grammar*. Boulder: Tech Report, 1993.
- RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (Org.). *Elements of Grammar*. [S.l.]: Springer Netherlands, 1997. p. 281–337.
- RIZZI, Luigi; BOCCI, Giuliano. Left Periphery of the Clause. *The Companion to Syntax*, p. 1–30, 2015.

ROOTH, Mats. A theory of focus interpretation. *Natural Language Semantics: An International Journal of Semantics and Its Interfaces in Grammar*, v. 1, n. 1, p. 75–116, 1992.

SANDALO, Filomena. Fonologia prosódica e teoriada otimalidade: reflexões sobrea interface sintaxe e fonologia na formação de sintagmas fonológicos. *Fonologia prosódica e teoriada otimalidade: reflexões sobrea interface sintaxe e fonologiana formação de sintagmasfonológicos*, v. 12, n. 2, p. 319–344, 2004.

SAPP, Christopher D. Focus and verb order in Early New High German: Historical and contemporary evidence. In: FEATHERSTON, Sam; STERNEFELD, Wolfgang (Orgs.). *Roots: Linguistics in Search of its Evidential Base*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 299–318.

SELKIRK, Elisabeth. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*, v. 3, n. 1986, p. 371–405, 1986.

SELKIRK, Elisabeth. The syntax–phonology interface. In: GOLDSMITH, John; RIGGLE, Jason; YU, Alan C. L. (Orgs.). *The Handbook of Phonological Theory Second Edition*. Oxford: Blackwell Publishers, 2011. p. 435–484.

SERRA, Carolina. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no Português do Brasil: fala espontânea e leitura*. 2009. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

STALLINGS, Lynne M.; MACDONALD, Maryellen C. Phrasal Ordering Constraints in Sentence Production: Phrase Length and Verb Disposition in Heavy-NP Shift. *Journal of Memory and Language*, v. 39, n. 3, p. 392–417, 1998.

SVENONIUS, Peter. The optionality of particle shift. *Working Papers in Scandinavian Syntax*, v. 57, p. 47–75, 1996.

THUILLIER, Juliette; ABEILLÉ, Anne; CRABBÉ, Benoît. Ordering preferences for postverbal complements in French. In: TYNE, Henry *et al.* (Orgs.). *French through Corpora: Ecological and Data-Driven Perspectives in French Language Studies*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2014. p. 77–103.

TRIANON, Rafael Berg Esteves. *Focalização in situ no português do Brasil: sintaxe, semântica e prosódia*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

TRUCKENBRODT, Hubert. On the Relation between Syntactic Phrases and Phrases Phonological. *Linguistic Inquiry*, v. 30, n. 2, p. 219–255, 1999.

[Artigo recebido em 13 de outubro de 2025 e aceito em 22 de abril de 2026.]
DOI: 10.22456/2236-6385.150891